

As Mônadas Abertas como ideia e estrutura para a criação de Histórias Multiformes¹

Felipe Zschaber²

Resumo

No presente artigo, pretendemos estudar uma das possibilidades narrativas que o computador conseguiu oferecer de forma mais contundente, gerando uma visibilidade e emprego que até então não possuíam: as narrativas multiformes. Em nosso trabalho trabalharemos com a definição de histórias multiformes proposta por Janet Murray (2003) e a relacionaremos com o conceito das mônadas abertas cunhado por Pernisa Júnior e Alves (2012b). Acreditamos que, ao pensarmos a estrutura dessas histórias a partir da utilização conceitual das mônadas abertas, alcançaremos uma possibilidade real de se produzir histórias multiformes coerentes.

Palavras-chave

Comunicação, Narrativas Contemporâneas; Histórias Multiformes; Mônadas Abertas.

1 – Introdução

No presente artigo, pretendemos estudar uma das possibilidades narrativas que um dos meios digitais – o computador – conseguiu oferecer de forma mais contundente, gerando uma visibilidade e emprego que até então não possuíam: as narrativas multiformes. Essas histórias já eram trabalhadas a um longo tempo em diversos meios – literatura, cinema e na tradição oral – porém, somada a capacidade dos computadores de modificarem significativamente o processo de escrita e a comunicação em geral, e desse modo alterar definitivamente a ideia de estrutura linear das narrativas, as especificidades sociais da época em que vivemos conferiram a esse modelo narrativo a oportunidade de se expandir.

¹ Artigo apresentado no Eixo 2 – Jornalismo, Mídia livre e Arquiteturas da Informação do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura realizado de 20 a 22 de novembro de 2013.

² Mestrando da linha Estética, Redes e Tecnocultura no Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Temos atualmente uma sociedade que vive um processo de globalização, a qual possui sua característica essencial engendrada nas redes. Essas mudanças são sentidas no âmbito social, cultural e econômico e por sua vez afetam nossa percepção de como transcorre a vida e os seus acontecimentos em nosso mundo. As histórias multiformes, como quer Janet Murray (2003), são uma forma de narrativa que corresponde as expectativas dos usuários, que passam a ter sua percepção de mundo como algo plural, sendo que nessa concepção não se é mais possível conviver em apenas uma realidade e, dessa forma, acreditar em uma verdade única, em um único ponto de vista.

Em nosso trabalho, compartilhamos dessa premissa de Murray, a qual tentaremos relacionar com a ideia das mônadas abertas proposta por Pernisa Júnior e Alves (2012b). De acordo com os autores, pensar através das mônadas abertas se configura como uma forma de se estruturar narrativas em diversas “partes”, sendo que cada “parte” possui um sentido integral e é capaz de se aglutinar a outras partes, complementando sentidos, construindo (diversas) narrativas e criando (cada vez mais) significados ao longo desse percurso. Através da estrutura das mônadas abertas julgamos capazes de permitir a construção de histórias multiformes complexas e ao mesmo tempo coerentes.

Acreditamos que nossa proposta se alinha com a atual situação da sociedade em que vivemos, no entanto, destacamos que não a julgamos como o único viés possível de se trabalhar tais histórias e tampouco defendemos que um modelo multiforme seja o mais eficaz de se criar narrativas.

2 – As Histórias Multiformes

Também tratadas como histórias metalineares (BROOKS, 1999), e em geral quando se aborda narrativas multiformes, as histórias multiformes se configuram como uma forma distinta do método tradicional de se contar histórias. Esse modelo é capaz de oferecer ao longo da construção de sua trajetória narrativa possibilidades que não podem ser trabalhadas em modelos lineares, como permitir ao leitor–interator (MURRAY, 2003) realizar escolhas que irão definir essa trajetória, criando uma experiência diferenciada. O seu roteiro deve ser bem pensado para que não hajam

discrepâncias e a história seja coesa e eficiente, pois a presença de diversos caminhos e pontos de vista acerca de um mesmo tema gera uma complexidade, a qual, eventualmente, pode não ser muito bem transposta e coordenada na estrutura multiforme.

Temos como referência principal das histórias multiformes em nosso estudo a definição que a pesquisadora norte-americana Janet Murray apresenta em seu livro *Hamlet no Holodeck* (2003). De acordo com Murray uma história multiforme seria uma “narrativa escrita ou dramatizada que apresenta uma única situação ou enredo em múltiplas versões – versões estas que seriam mutuamente excludentes em nossa experiência cotidiana” (MURRAY, 2003, p. 43). O fato de que seriam excludentes se dá pois essas histórias frequentemente exploram pontos de vista opostos sobre um mesmo acontecimento, integrando-os em um único material. Segundo Brooks (1999, p. 33), ao se escrever histórias nesse modelo deve-se considerar esses vários pontos de vista sem invalidá-los ou excluí-los desde a formulação inicial do material.

Acreditamos que o computador nos forneceu as ferramentas definitivas para que possamos reformular o modelo tradicionalmente linear de narrativa e assim explorar e construir narrativas com maior flexibilidade e diversidade. É realidade que histórias multiformes já são exploradas faz algum tempo – temos clássicos literários como “O Jardim dos Caminhos que se bifurcam”, de Jorge Luís Borges (1941) e também cinematográficos como “Rashomon”, de Akira Kurosawa (1950). Porém, acreditamos que as possibilidades criadas através dessas ferramentas computacionais permitem ao leitor exercer um papel mais ativo na fruição e em sua relação com a história.

O hipertexto é um referencial quando consideramos as possibilidades oferecidas pelo computador. Mesmo que a ideia desse formato não seja nova, remetendo-nos a Vannevar Bush³, ressaltamos que ela só se expandiu com o desenvolvimento dessas ferramentas informáticas. O conceito de hipertexto foi cunhado por Theodor Nelson em meados dos anos 70, o qual pretendia “descrever um sistema de escrita não sequencial: um texto que se desmembra e permite escolhas ao leitor” (SANTAELLA, 2003, p. 93). É através do hipertexto e dos hiperlinks que o leitor pode realizar suas escolhas, traçando caminhos próprios. E é a partir desse aspecto que George Landow (2009)

3 - O autor Vannevar Bush apresentou a ideia do hipertexto com o Memex, em seu trabalho titulado *As we may think* escrito no ano de 1945.

enxerga o hipertexto como uma estrutura ideal para a criação de histórias multiformes. Notamos que, apesar do leitor seguir um caminho que já foi pré-definido pelo autor, esse caminho é apenas uma das várias possibilidades de leitura que podem ser construídas em um material hipertextual, que por sua vez também acreditamos poder ser multiforme.

Essas histórias podem também ser cunhadas em várias mídias, o que remeterá a uma particularidade hipermidiática. Nos valemos da definição de hipermídia do autor Nicholas Negroponte: “a hipermídia é um desenvolvimento do hipertexto, designando a narrativa com alto grau de interconexão, a informação vinculada” (1995, p. 66). Logo, sendo um desenvolvimento do hipertexto, a hipermídia também permite ao leitor realizar as suas próprias escolhas, mas, a sua vez, possibilita que elas possam estar fundamentadas em mídias diferentes. Sendo assim, o usuário pode escolher entre seguir o seu percurso em um vídeo, áudio, foto, gráfico e até mesmo um jogo, definindo uma relação totalmente diferente da tecida em um material textual e linear.

O computador também nos permite construir um panorama caleidoscópico. Segundo Murray, essa estrutura caleidoscópica se traduz como a capacidade de se apresentar ações simultâneas de variadas formas (MURRAY, 2003, p. 155). É esse fato que vai permitir com que as histórias multiformes sejam criadas geralmente para se abordar temas complexos, nas quais existem vários fatores, perspectivas e pontos de vista. A possibilidade de “reconstituir a situação a partir de perspectivas diferentes leva a um contínuo aprofundamento da compreensão do leitor sobre o ocorrido, aprofundamento esse que pode resultar num sentimento de resolução capaz de levar em conta a complexidade da situação” (MURRAY, 2003, p. 135). E isso se deve diretamente à capacidade caleidoscópica do computador.

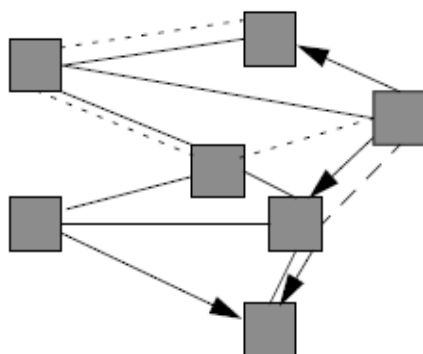
Essas justaposições e integrações de pontos de vista, perspectivas e fatores são abertas a interpretações. Assim sendo, essas histórias e eventos compartilhados em um material multiforme podem ter diferentes significados, dependendo do contexto no qual se está abordando o assunto e do percurso traçado ao longo da narrativa. E nesse panorama, cabe ao usuário-interator percorrer, construir e interpretar a sua própria trajetória, permitindo-os “perceber causas complexas de acontecimentos complexos, assim como imaginar diferentes desfechos para a mesma situação” (MURRAY, 2003, p. 10).

Pretendemos também com essa conceituação das histórias multiformes afastá-las de uma concepção de narrativa não-linear, mesmo sendo ela hipertextual ou hipermidiática. Acreditamos que ao se construir uma história dentro do padrão multiforme, estaremos oferecendo uma espécie da tradicional causalidade das histórias. Ou seja, pretendemos construir fatos coesos e transmitir experiências de maneira eficiente, enquanto a preocupação de um modelo não-linear é não dotar de uma hierarquia ou ordem de leitura que acabam “privilegiando a própria confusão” (MURRAY, 2003, p. 133).

Seguindo essa perspectiva apresentada, Brooks (1999) utiliza o termo “histórias metalineares” como correlato às histórias multiformes, conceituando-as como um método para criar e desenvolver narrativas multilineares que possuem uma coleção de pequenas peças narrativas em uma forma bem estruturada, desse modo criando uma nova forma de história (BROOKS, 1999, p. 30). Ainda segundo Brooks:

Esses peças narrativas não se constituem em si mesmos como uma linha narrativa única ou uma trama, como é feito em uma construção cronológica, mas, a sua vez, agem como blocos para a construção de diversas narrativas distintas. Esse novo tipo de história define uma forma que transcende o linear no sentido de que ela é uma forma a qual permite que muitas histórias lineares possam ser realizadas, sendo, por conseguinte, metalinear. (BROOKS, 1999, p. 30)⁴

Tal definição se assemelha a ideia de estruturação que apresentaremos a seguir: o conceito das mônadas abertas.



4 Tradução nossa para: “These narrative pieces on their own do not constitute a single narrative path or plotline, such as a chronological spine, but instead act as building blocks for constructing many different narratives. This new type of story defines a form which transcends linear in the sense that it is a form from which many linear stories can be made, therefore metalinear.” (BROOKS, 1999, p. 30)

Figura 1: A estrutura narrativa metalinear de Brooks (1999), formando uma rede de diferentes “nós” conectados

3 – As Mônadas Abertas

O termo “mônada aberta” foi cunhado em 2009 por Carlos Pernisa Júnior e Wedencley Alves em estudo sobre a estruturação das narrativas jornalísticas na web. Na oportunidade, os autores pretendiam encontrar uma resposta sobre novos modos de se narrar no jornalismo e alcançaram o conceito da “mônada aberta”. Esse conceito tratava de entender a possibilidade de se trabalhar em uma reportagem partes autônomas e íntegras em e entre si, com o intuito de que cada uma delas “possa funcionar como um bloco, o mais completo possível, naquilo que se pretende discutir sobre aquele determinado aspecto que compreende um assunto dentro da temática da matéria tratada” (PERNISA JÚNIOR, 2012, p. 5).

Ou seja, cada “bloco” não deveria necessariamente se ligar a outros “blocos” para que fosse compreendido. Porém, também seria possível que esses blocos se ligassem entre si, permitindo, desse modo, uma gama de possibilidades de percursos de leitura ao leitor, sendo que, no momento da construção desses percursos, esses “blocos” se adicionariam, criando uma narrativa mais completa e complexa à medida que se avançaria nesse percurso.

Pernisa Júnior e Alves (2009) determinaram a importância do conceito nesse âmbito jornalístico porque a mônada “privilegia uma estrutura não hierárquica de matérias correlacionadas a um tema único” (PERNISA JÚNIOR, ALVES, 2010, p. 82) – característica que os autores nomeiam horizontalidade – permitindo outras possibilidades de se estruturar uma narrativa jornalística em ambientes digitais.

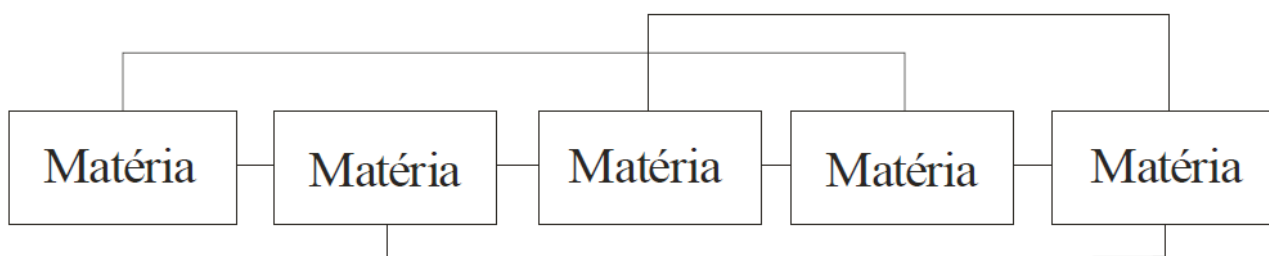


Figura 2: A estrutura das Mõnadas Abertas utilizada no âmbito jornalístico, proposta por Pernisa Júnior (2012a)

Nesse primeiro momento, o conceito se relacionava diretamente ao texto dentro das perspectivas jornalísticas, em especial à modalidade reportagem. Contudo esse estudo avançou e no conceito incluiu-se a possibilidade de se trabalhar com outras mídias digitais (áudio, foto, vídeo, gráficos interativos) dentro de um mesmo “bloco” ou criar “blocos” específicos com cada uma dessas mídias. Essa possibilidade multimidiática “faz com que as 'mônadas' se 'abram' umas para as outras” (PERNISA JÚNIOR, 2012a, p.6). Pode-se dizer então que um material jornalístico estruturado à perspectiva das mônadas abertas possui cada parte sendo uma, logo “não dependente de outros textos para ser compreendida, mas sem excluir a possibilidade de o leitor tecer com ela – vinculando-a a outra, igualmente clara e conclusiva – uma outra totalidade” (PERNISA JÚNIOR e ALVES, 2010a, p. 72).

Pernisa Júnior ainda destaca que, caso essa estrutura seja modelada em forma hipermediática, se faz necessário atentar ao fato de que é possível a utilização de várias linguagens – originadas em cada uma dessas mídias – na construção de tal material, o que, segundo o autor, “alarga ainda mais as possibilidades de tal sistema” (PERNISA JÚNIOR, 2010b, p. 11).

A estrutura da mônada aberta (PERNISA JÚNIOR e ALVES, 2012b) também foi pensada como uma forma de se criar uma espécie de jornalismo transmidiático⁵, no qual cada “matéria” veiculada em uma determinada mídia seria uma parte integral, e ao mesmo tempo complementar em um todo, sem que fosse necessário “reunir todas as

5 - A narrativa transmidia é um conceito cunhado por Henry Jenkins em seu livro *Cultura da Convergência* (2008), no qual o autor apresenta uma espécie de narrativa que pode se estender em diversas mídias e suportes, sendo que os materiais veiculados em cada um desses seria, “por sua vez, diferente e complementar” entre eles, contribuindo “de maneira distinta e valiosa para o todo” (JENKINS, 2008, p. 135).

informações num único ponto de referência (...) num único suporte” (PERNISA JÚNIOR e ALVES, 2012b, p. 95). A partir daí, seria possível oferecer uma narrativa transmidiática, na qual poderia se desfrutar de um tema em diversas mídias e suportes de forma distinta e complementar, como quer Jenkins (2008).

A partir desse momento, o conceito também passou a ser utilizado além do âmbito jornalístico, aproximando-se de uma perspectiva que buscava relacionar comunicação, arte e tecnologia. O intuito nessa proposta era de se explorar diversas possibilidades estéticas que pudessem levar à frente o conceito.

Estudou-se a sua ligação com a literatura, pensando em uma possibilidade de “reportagens-conto”, tecendo uma aproximação com a obra do escritor argentino Jorge Luís Borges. Nesse caso cada “bloco” das mônadas contaria uma história particular “que desse conta de si mesmo”, as quais se somariam e gerariam sentidos e histórias diversas. Também foi trabalhado a utilização do conceito em obras audiovisuais, tanto ficcionais quanto jornalísticas, com destaque para materiais voltados a TV digital interativa e para as mídias locativas. Essas propostas foram “pensadas como roteiros interativos” possuindo as ligações entre esses materiais de maneira lógica, formal, mas também “poderiam ser de diversas ordens, incluindo aí a afetiva, a sensorial, entre outras”, quando se tratavam de materiais ficcionais (PERNISA JÚNIOR, 2012b, p. 10). Desse modo, pode-se expandir o conceito em outras áreas, sob outras perspectivas, viabilizando o seu emprego, tanto teórico como prático, em ambientes de interesse comunicacional diverso.

Diante de todas essas perspectivas, resolvemos adotar em nosso estudo a seguinte definição proposta por Pernisa Júnior e Alves: as mônadas abertas se configuram como “elementos autônomos – textos, vídeos, gráficos, etc – que se interrelacionam para a produção de um todo harmônico de informações, sem que sejam, em função desse todo, obliterados em sua integridade individual” (PERNISA JÚNIOR e ALVES, 2012b, p. 91).

Portanto, a partir dessa definição, acreditamos que a ideia estrutural das mônadas abertas pode ser uma possibilidade real de se produzir histórias multiformes coerentes.

4 – As Mônadas Abertas como uma estrutura para se construir histórias multiformes

O aspecto e a intenção das mônadas abertas de se produzir um “todo harmônico de informações” é o principal motivo para crermos que a partir dessa estrutura, seria possível construir histórias multiformes bem sucedidas. Consideramos, claro, a característica fundamental das mônadas de serem partes íntegras de sentido e, por sua vez, integradoras na construção de sentidos como essencial nesse planejamento, criação e produção das histórias.

Negroponete (1995, p. 66) afirma que em um material hipermidiático, “as ideias podem ser abertas ou analisadas com múltiplos níveis de detalhamento”. Sendo as histórias multiformes também passíveis de serem hipermidiáticas, podemos enxergar nas mônadas uma forma de se abrir e analisar informações provindas desse tipo de história em diversos níveis – desde o nível relacionado à visão de cada personagem, aos acontecimentos históricos, ao contexto acerca de uma questão, entre outros – a serem roteirizados e elegidos pelo(s) autor(es).

Como vimos, essas histórias também são compostas de vários ângulos de visão e nuances, sendo que cada uma dessas perspectivas pode ser condizente ou oposta a outras. A questão que levantamos é: por quê essas perspectivas também não podem ser, como um todo, complementares, ao se pensar na amplitude total do tema do qual se trata?

Brooks (1999, p. 30) enxerga nessa modalidade uma forma de se produzir “várias narrativas diferentes”, visão a que partilhamos. O que pretendemos demonstrar é que mesmo através da criação de narrativas diferentes e diferenciadas por esse método, podemos almejar que essas narrativas construam ao longo do momento em que são traçadas, um sentido cada vez mais amplo em relação ao assunto que se propõem abordar. Sentido esse que é complexificado conforme o usuário vai percorrendo caminhos e criando significados diferentes e, por sua vez, complementares, que irão se relacionar nessa construção do todo.

Dessa forma, se torna possível relacionar a ideia de que as mônadas abertas se “interrelacionam para a produção de um todo harmônico de informações” com a nossa proposta de construir histórias multiformes harmônicas e coesas, onde cada peça da

história é integral, mas ao mesmo tempo complementar em relação a totalidade da história.

Sendo assim, acreditamos que, ao utilizarmos a premissa tanto quanto a estrutura das mônadas abertas, poderemos obter êxito em planejar e construir uma história multiforme que seja capaz de abordar um tema complexo, composto de várias perspectivas e causas, e dessa forma também proporcionaremos ao usuário uma capacidade de desfrutar de uma compreensão que englobe esses diferentes pontos de vista, alcançando o aprofundamento que “pode resultar num sentimento de resolução capaz de levar em conta a complexidade da situação”, defendido por Janet Murray. Nesse sentido da proposta, também julgamos capaz a criação de histórias ficcionais que possam proporcionar ao usuário diversas projeções possíveis de desfechos e também de “mundos”.

5 – O momento em que vivemos e o porquê dessa proposta

Acreditamos que a ideia vinculada a nossa proposta é condizente com o atual momento técnico, social e cultural. Vivemos em um mundo que está se globalizando e, nesse processo, aglutinando visões e características culturais distintas em um “mesmo lugar” – não importando se esse lugar é físico ou virtual. Essa capacidade de relacionamentos virtuais se relaciona diretamente ao momento social corrente. Destacamos que a ocorrência desse momento foi possibilitada e de certa forma criada com ajuda dos meios meios informáticos, caracterizando a sociedade em rede (CASTELLS, 1999). Essa sociedade tem como configuradora de sua base de formação e de toda sua gama de relações a estrutura de rede⁶. Castells (1999) afirma que a ascensão e a consolidação da sociedade em rede por sua vez, modifica a cultura, a economia, o tempo e as relações sociais das comunidades que possuem uma determinada base tecnológica que tornou possível esse desenvolvimento.

Dentro desse panorama temos a comunicação – a qual nos interessa nesse estudo – igualmente modificada pelas redes e pelo computador. O seu esquema antes calcado na comunicação de massa dotada de uma estrutura de via única (*um* → *todos*) foi

6 A rede é um conjunto interligado de nós que “constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura” (CASTELLS, 1999, p. 565).

transformado em uma estrutura de comunicação horizontal (*todos* → *todos*) em nível de escala global, sendo que ainda é possível verificar ambos modelos atualmente. Essa capacidade de se praticar uma nova esquemática comunicacional contribui para modificar a experiência e a percepção em nossa sociedade.

Murray (2003, p. 47) argumenta que a percepção corrente foi igualmente influenciada pelas ideias da física contemporânea. Dessa forma, passamos a notar que tempo e espaço não são, como pensávamos, verdades absolutas, denotando a vida “enquanto composição de possibilidades paralelas” (MURRAY, 2003, p. 49).

Somando-se a esses fatos, temos que a nossa percepção também é modificada pelo aspecto caleidoscópico do computador, esse que, ao mesmo tempo que contribui para que não acreditemos apenas em uma realidade, supre essa necessidade com as possibilidades criativas que nos oferece. Murray esclarece essa questão:

O poder caleidoscópico do computador permite-nos (...) que não acreditemos mais numa realidade singular, numa visão única e integradora do mundo, nem mesmo na confiabilidade de um só um ângulo de percepção. (...) A solução é a tela caleidoscópica, capaz de apreender o mundo como se ele apresenta desde diferentes perspectivas – complexo e talvez incompreensível no final das contas, mas ainda coerente. (MURRAY, 2003, p. 159)

Friesner (2005) concorda com essa perspectiva de Murray e argumenta que a história multiforme criada através do poder caleidoscópico do computador “é a forma por excelência do hipertexto narrativo, devido a sua capacidade de satisfazer as nossas crenças da virada do século sobres os ângulos complexos e divergentes da experiência e da percepção do mundo”⁷. O autor ainda acrescenta que através dessas histórias é possível integrar perspectivas culturais distintas sobre um acontecimento ou temática. Essa nuance cultural é algo que acreditamos ser de suma importância nesse mundo conectado em redes, no qual um maior conhecimento sobre perspectivas culturais diferenciadas é capaz de trazer tolerância e respeito, o que, conseqüentemente, permite que se preveleça a harmonia.

7 Tradução nossa para: “is the quintessential form of the hypertext narrative because of its ability to satisfy our turn-of-the-century beliefs about the complex and divergent angles of experience and perception in the world” (FRIESNER, 2005)

Diante desse panorama, concordamos com Murray quando ela defende que “o potencial inexplorado do meio parece repousar precisamente nessa área, na possibilidade de oferecer ao interator a percepção de múltiplos destinos possíveis, múltiplos resultados possíveis a partir de uma mesma situação” (MURRAY, 2003, p. 9). E isso seria alcançado justamente com essas histórias multiformes que apresentamos ao longo de nosso trabalho, pois elas “são hoje parte do nosso modo de pensar, parte da forma como experimentamos o mundo. [Ou seja] Viver no século XXI é ter consciência das diferentes pessoas que podemos ser, dos mundos possíveis que se alternam e das histórias que se entrecruzam infinitamente no mundo real” (MURRAY, 2003, p. 49).

6 – Considerações Finais

Em nosso estudo, vimos que as mônadas abertas podem sim ser uma forma de se pensar e construir as histórias multiformes propostas por Murray (2003). De toda forma, não defendemos essa ideia como o único modelo possível de se empregar tal realização. Nesse âmbito que ainda se busca pilares e que ao mesmo tempo sofre mudanças constantes, provindas desse processo dinâmico que é a nossa sociedade, temos por consideração que a experimentação é a única premissa a ser primordialmente considerada por quem pretende trilhar o caminho das narrativas contemporâneas. Dessa forma, estamos abertos a outras possibilidades, bem como também pretendemos atualizar a proposta apresentada, conforme os nossos estudos se encaminhem e novas perspectivas sejam identificadas.

Temos em mente que, apesar desse artigo se constituir como um estudo exclusivamente teórico, no qual realizamos uma revisão bibliográfica e dela tecemos considerações em busca de uma nova interpretação, acreditamos que podemos derivá-lo para o âmbito prático, aproveitando das definições e discussões que foram aqui encontradas.

Referências bibliográficas

BROOKS, Kevin M. **Metalinear Cinematic Narrative: Theory, process and Tool.** Massachusetts Institute of Techonoly, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura.** v.1. A sociedade em rede. Sao Paulo: Paz e Terra, 1999.

FRIESNER, Nicholas. **Narrative on the Holodeck: changes in storytelling.** Brown University, Spring 2005. Disponível em: <http://www.cyberartsweb.org/cpace/theory/friesner/murray2.html>
Acesso em: 28/07/2013

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** Tradução: Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008

LANDOW, George. **Hipertexto 3.0: La teoria critica y los nuevos medios en una epoca de globalizacion.** Paidos Iberica Ediciones S.a; New Rev Tr Edition, 2009.

MOTTA, Bernardo H. **A Narrativa Contemporânea e As Tecnologias Digitais Interativas: Fragmentação, Descentralização, Deslizamento e Multiplicação das Identidades dos Personagens.** Dissertação de Mestrado, PUC-RIO, 2005

MURRAY, Janet. **Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço.** São Paulo: UNESP/Itaú Cultural, 2003.

NEGROPONTE, Nicholas. **A Vida Digital.** São Paulo: Companhia das Letras , 1995.

PERNISA JÚNIOR, Carlos; ALVES, Wedencley. **Mônada aberta: verticalidade e horizontalidade no jornalismo na Web.** In: Anais – Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009

PERNISA JÚNIOR, Carlos; ALVES, Wedencley. **Comunicação Digital: Jornalismo, narrativas, estética.** Rio de Janeiro : Mauad X, 2010a.

PERNISA JÚNIOR, Carlos. **A mônada aberta nas narrativas contemporâneas: uma investigação.** In: IV Simpósio Nacional da ABCiber, 2010, Rio de Janeiro - RJ. Anais do IV Simpósio Nacional da ABCiber. 2010b.

PERNISA JÚNIOR, Carlos. **Mônadas abertas: a evolução de um conceito.** XXI Encontro Anual da Compós, Juiz de Fora, MG, 2012a.

PERNISA JÚNIOR, C.; SANTANA, W. A. **Mônada aberta:** novas possibilidades narrativas. In: Boanerges Balbino Lopes Filho; Wedencley Alves. (Org.). Comunicação: práticas e fronteiras. 1ed. Juiz de Fora - MG: Editora UFJF, 2012, v. , p. 91-100. 2012b

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano.** São Paulo: Paulus, 2003